



O Eterno criou o homem e em seguida plantou um jardim e colocou o homem que criara no jardim para que o homem dele cuidasse (Gn 2.15). O trabalho estava presente na criação antes mesmo da criação da mulher e não apenas por que o homem é posto no jardim para dele cuidar, mas por que a criação é um trabalho do Eterno.

A fim de compreender a cosmovisão cristã a respeito do trabalho é imprescindível retornar a narrativa basilar de Gênesis 1-3 e notar que ali o mundo começa, é feito, é construído a parti de uma semana de trabalho do próprio Criador. Vinoth Ramachandra nos lembra que “tendo optado por descrever a atividade criadora de Deus empregando a forma de uma semana de trabalho de um trabalhador, o escritor está em condições de afirmar determinadas verdades sobre os relacionamentos mútuos de Deus, do mundo e da humanidade”.¹

Keller nos lembra que “a Bíblia começa a falar em trabalho assim que começa a falar sobre tudo que foi criado – isso mostra como ele é importante e fundamental”.² A primeira coisa que as Escrituras nos falam sobre o Eterno é que ele é alguém que trabalha, trabalha muito e tem alegria nisso: Deus cria, vê o que criou e se alegra em ver como é bom aquilo que foi criado. Essa percepção é central para a maneira como o cristão compreende o trabalho pois “a humanidade criada a imagem de Deus deve agir como Deus age; e vemos como a ação de Deus no cosmos nesse mesmo capítulo é descrita como sendo uma ação de pôr tudo em ordem, de geração de vida, de preservação, de serviço e de satisfação pessoal. No capítulo seguinte, o homem é posto num jardim (representando toda a terra) e lhe é dito para o ‘cultivar e o guardar’”.³

Ou seja, o Deus que trabalha cria o homem a sua imagem e semelhança e lhe entrega a criação. O que isso quer dizer? Vinoth Ramachandra faz conexões maravilhosas entre o relato da criação e a questão do trabalho em um capítulo repleto de insights vibrantes.⁴ O autor destaca: “Assim, a terra e as suas criaturas são confiadas ao homem, e temos um mandato de Deus para estudar, trabalhar e enriquecer a vida do nosso planeta. Não somos nem seus proprietários (para fazer nela o que quisermos) nem meros hóspedes (de forma a usufruir dela, mas não intervindo nos processos naturais). A natureza da nossa ação sobre ela é definida: a de fazer com que a terra floresça”.⁵

O trabalho humano é portanto compreendido a partir do fato de que o homem é chamado para dominar e sujeitar a criação como implicação do fato de ter sido criado a imagem do Eterno.⁶ Cornelius Plantinga nos esclarece que esse domínio não é predatório e não faz do homem o “dono” do mundo para dele fazer o que quiser, ao recordar que no plano original do Criador “o domínio nunca é ‘ser senhor sobre’; é mais algo como ‘ser senhor sob’, no sentido de apoiar algo ou alguém”.⁷

Logo, a melhor maneira de entender esse “domínio” é observar o Mandato Cultural do Criador para o homem, que segundo Richard Mouw se expressa no fato de que “Deus comissionou os nossos primeiros pais a ‘transformar a natureza indomada num ambiente social’ mediante uma formação cultural que se coaduna com o projeto dele”.⁸ O Mandato Cultural é uma expressão que os teólogos utilizam para se referir a ordem que o Criador dá ao homem após havê-lo criado: “Cresçam! Reproduzam-se! Encham a terá! Assumam o comando! Sejas responsáveis pelos peixes do mar e pelos pássaros no ar, por todo ser vivo que se move sobre a terra”.⁹

Portanto, o Mandato Cultural é uma bênção que se realiza no fato de que o Criador entrega sua própria criação ao governo do homem, que fora criado com atributos suficientes para governar, para ser um cooperador de Deus na criação. O exercício do governo atribuído ao homem é em certa perspectiva uma semelhança do homem com seu Criador, pois o homem é uma espécie de co-criador junto com o Pai, aquilo que Tolkien chamou de “subcriador”.¹⁰

Nancy Pearcey afirma que “a primeira frase – ‘Frutificai, e multiplicai-vos’ – significa desenvolver o mundo social: formar famílias, igrejas, escolas, cidades, governos, leis. A segunda frase – ‘enchei a terra, e sujeitai-a’ – significa subordinar o mundo natural: fazer colheitas, construir pontes, projetar computadores, compor músicas. Esta

¹ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.83

² KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.35

³ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.94

⁴ O capítulo 3 do livro “A falência dos deuses – A idolatria moderna e a missão cristã”.

⁵ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.94

⁶ HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.14

⁷ PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.45

⁸ PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.45

⁹ Gênesis, capítulo 1, verso 28.

¹⁰ TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 44.

passagem é chamada de o mandato cultural, porque nos fala que nosso propósito original era criar culturas, construir civilizações”.¹¹

O mandato cultural mostra que no ato da criação o Eterno estava no meio do palco como um diretor, organizando e preparando toda a estrutura. Mas houve um momento em que “a cortina foi erguida no palco, e o diretor dá às personagens a deixa inicial no drama da história. Embora tudo o que Deus criou tenha sido considerado ‘muito bom’, a tarefa de explorar e desenvolver os poderes e potenciais da Criação, a tarefa de construir uma civilização, Ele atribui aos portadores de sua imagem”.¹²

Isso nos abre perspectivas maravilhosas sobre o trabalho, pois mostra que o trabalho é o Eterno, que é o criador, entregando sua criação aos cuidados do homem para que o homem possa utilizar sua criatividade, sabedoria, conhecimento, habilidades, capacidades e competências para dar continuidade a obra de Deus, criando, agregando mais beleza, cultivando e tornando a criação ainda mais bela!

O trabalho portanto é compreendido como um ato de amor a Deus, de serviço a criação e também como a experiência de encontrar a si mesmo no mundo, desenvolvendo seus dons e talentos. Não é de se admirar que o trabalhador no trabalho constrói não apenas o mundo a sua volta, mas constrói a si mesmo enquanto pessoa e indivíduo. O trabalho tem essa função de dar vazão ao nosso potencial criativo e construtivo no qual podemos pôr em prática aspectos da imagem de Deus em nós.

Essa perspectiva é maravilhosa e nos abre uma janela para uma perspectiva sobre o trabalho que é capaz de no fazer ver a relevância do trabalho não apenas para o nosso sustento pessoal através dos nossos ganhos, mas nos lembra de que o trabalho tem uma posição muito central nos propósitos do Criador para a minha vida, para a minha existência. Tendo em vista que grande parte de meu dia e a maior parte da semana investimos em nosso trabalho, não seria equivocado dizer que em grande parte nosso trabalho – a maneira como atuamos no mundo em serviço a Deus e as pessoas, contribuindo para o engrandecimento da criação – traduz ou pelo menos deveria traduzir nosso propósito de vida. Tem muito mais aí do que pagar as contas, afinal, todos queremos viver por algo, viver com um propósito mais nobre do que meramente subsistir.

Neste ponto, é essencial lembrar que o trabalho foi afetado pela queda, como nos lembra Keller, ao afirmar que “agora o trabalho existe em um mundo sustentado por Deus, mas desorganizado pelo pecado”.¹³ No seu livro “Como Integrar Fé e Trabalho”, Timothy Keller nos lembra de que após a queda o trabalho já não é um mar de rosas e certamente há muitas ervas daninhas e espinhos nessa área de nossa vida (Gn 3.18). E o que isso significa na prática: “Significa que, em todo o nosso trabalho antevemos mais do que conseguimos realizar, tanto pela falta de habilidade quanto pela resistência ao redor. O trabalho inclui sofrimento, conflito, inveja e fadiga, e a questão de que nem todos os nossos objetivos são alcançados. Por exemplo, você sonha com determinada carreira profissional e com um trabalho em que exerça toda a sua capacidade e excelência, mas talvez não tenha essa oportunidade, ou, se tiver, pode ser que não consiga realizar o trabalho tão bem quanto ele deve ser feito. Os conflitos entre você e os colegas irão sugar sua confiança e minar sua produtividade”.¹⁴

Contudo, Cristo veio para restaurar todas as realidades incluindo o trabalho e a maneira como nós cristãos compreendemos essa restauração se dá é construída sobre algumas concepções fundamentais. Primeiro, a percepção clara de que o nosso trabalho é precedido pelo trabalho de Deus e recebe sua dignidade e relevância do próprio Deus. O Salmo 127 escancara essa verdade, afirmando que devemos construir nosso trabalho sobre Deus.

Segundo, Eclesiastes 2.17-26 nos lembra que inverter essa relação e colocar o trabalho na base de nossa vida resulta em ansiedade e frustração. Como nos lembra Ramachandra, na cosmovisão cristã “o trabalho humano também é relativizado. Encontramos a nossa verdadeira identidade não em nosso trabalho de dominar a terra, mas em Deus. Somos criados para termos relacionamentos, primariamente com o nosso Criador. O trabalho é um aspecto do nosso culto a Deus, mas não é tudo”.¹⁵

Terceiro, as Escrituras certamente nos incitam a trabalhar com afinco e perseverança mas nos ensina que ao sétima dia o próprio Criador descansou e assim nos ensina a descansar também, “parando para usufruir os frutos do nosso trabalho com outros seres humanos, nossos semelhantes, e para dar graças a Deus pela dádiva da vida – é isso que restaura a verdadeira perspectiva do trabalho. Assim, o lazer é introduzido na ordem criada. Faz parte da ordem dada por Deus a nós, tanto quanto o trabalho. Essa foi a base, antigamente, para a lei do sábado em Israel. Sua primeira intenção era a de colocar o trabalho humano dentro da única perspectiva que lhe dá sentido: a saber, o culto a Deus. É ainda um conceito revolucionário a ser mantido numa era devotada a frenética e devastadora idolatria do trabalho”.¹⁶

¹¹ PEARCEY, Nancy. Verdade Absoluta: *Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 51

¹² COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 351

¹³ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.35

¹⁴ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.87

¹⁵ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.97

¹⁶ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.97